

Podcasts e Valores-notícia: uma análise de conteúdo sobre O É da Coisa e O Assunto¹

João Henrique Trojan²

Resumo: O artigo a seguir, vinculado ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação (FAC), da Universidade de Passo Fundo (UPF), foi desenvolvido durante o primeiro semestre de 2022. Seu objetivo é apresentar os critérios de notícia presentes no *podcast* de caráter jornalístico. A pesquisa é motivada pela relevância e audiência dos *podcasts* atuais. Esses programas permitem, através de sua tecnologia digital portátil, que a sociedade atual, movida pela correria da rotina, possa se informar de modo dinâmico e integrado ao dia a dia. Baseado na Análise de Conteúdo de Heloiza Herscovitz (2010), o presente trabalho concluiu que é possível fazer um conteúdo em formato *podcast*, baseado nos valores-notícia jornalísticos.

Palavras-chave: Comunicação. Jornalismo. Internet. Digital. *Podcast*.

Introdução

Com a constante digitalização das informações, os produtos de *podcast* se tornaram relevantes fontes de conteúdo para as pessoas. Além disso, não existe fórmula específica para produzir *podcasts*, o que abre margem para conteúdos criativos e variados; do entretenimento ao conteúdo informativo. Nesse cenário, muitos jornalistas de forma individual ou por intermédio de veículos tradicionais, têm se aventurado pelo formato *podcast*. E a quantidade de ouvintes desses programas aumenta a cada ano. Afinal, segundo o AbPod (Associação Brasileira de Podcasters), no intervalo entre 2019 e 2020, cerca de 50 milhões de brasileiros já haviam ouvido *podcasts*, seja de empresas novas ou grupos de comunicação com anos de tradição no jornal impresso, rádio ou televisão.

A presente pesquisa busca analisar os *podcasts* O Assunto e O É da Coisa quanto aos gêneros, formatos e critérios de noticiabilidade presentes. A partir deste objetivo geral, o artigo visa fazer uma análise de critérios de notícia, sob luz dos conceitos de gênero de Melo (2003) e critérios de noticiabilidade de Traquina (2005), existentes dentro dos respectivos *podcasts* de conteúdo jornalístico brasileiros. Para a análise, utilizou-se como método auxiliar a Análise de Conteúdo em Jornalismo, proposta por Herscovitz (2010). Como objeto de estudo, analisou-se um episódio de cada um dos dois programas, ambos foram escolhidos por serem mantidos por duas grandes empresas jornalísticas, marcantes pela relevância de seus veículos de origem

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da Prof.^a Me. Nadja Hartmann.

² Graduando em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: 171061@upf.br.

(Grupo Globo e Grupo Bandeirantes) e, também, por serem apresentados por jornalistas com carreiras consolidadas dentro do jornalismo brasileiro.

Essas características presumem um modelo de referência que poderá agregar bons exemplos para este artigo. O primeiro *podcast*, O Assunto, é disponibilizado no portal do G1, o programa é apresentado pela jornalista Renata Lo Prete, nele, a âncora entrevista personalidades que são relevantes no cenário nacional. O segundo *podcast*, O É da Coisa, é produzido da rádio Bandnews, voltado para o jornalismo opinativo, mediado por Reinaldo Azevedo.

A estrutura digitalizada das tecnologias atuais, consegue expandir a informação em uma velocidade jamais vista, obrigando uma dinamização maior dos conteúdos por parte dos profissionais. Esses fatos corroboram para o objetivo principal deste artigo e sua constituição, pois reafirmam que ao passo que as tecnologias vão avançando, as diretrizes teóricas que moldaram o jornalismo não podem ser esquecidas, já que, por intermédio delas, se estabeleceram normativas que serão discutidas no tópico de análise dos objetos deste artigo. A coleta dos dados se dará por pesquisas bibliográficas e exploratórias.

A presente pesquisa é dividida em três partes: na primeira são abordados os conceitos dos principais teóricos a respeito dos temas que motivam o estudo: Gêneros em Jornalismo (MELO, 2003), Formato *Podcast* (JAVORSKI, 2017) e *Podcast* Jornalístico (TEMER, 2019). Na sequência, é feita a análise da amostragem apresentada acima, cujo recorte serão as edições de cada programa, disponibilizados no dia 09 de abril do ano de 2022, terça-feira. Na terceira parte, apresenta-se as conclusões obtidas pelo estudo.

1 O estudo dos gêneros

Os gêneros em jornalismo possuem uma função de organização dos variados temas onde o profissional jornalista irá atuar, auxiliando na emissão-recepção existente no processo da informação. Melo e Assis (2016) reforçam essa hipótese:

Sendo *gênero*, conforme a noção aqui empregada, vocábulo que remete a agrupamento, há certos elementos por ele coligados, os quais podem ser entendidos como formas de expressão, aquelas que percebemos e que traduzem a vida social – e as criações que nela suscitam – por meio de textos, programas e materiais com diferentes características (MELO; ASSIS, 2016, p. 47, grifo do autor).

Desse modo, é possível compreender que os fatos nem sempre serão retratados em sua forma integral, pois o jornalista não é capaz de captar tudo que ocorre ao seu redor. No entanto,

filtrar essas informações aleatórias é uma função primordial ao ofício de jornalista, que possui a tarefa de captar esses fatos, interpretá-los e produzir a informação para o público-alvo da notícia. Público esse, que muitas vezes, por não ter instrução, acaba se confundindo acerca do que é notícia e do que não é. Pena (2005) explana que isso: “[...] pode levar qualquer leitor ou telespectador a perguntar: afinal, qual é o critério utilizado pelos profissionais da imprensa para escolher que fatos devem ou não virar notícia?” (p. 71). O autor considera a questão anterior como a mais importante dentro do jornalismo. Essa afirmação se dá, motivada pelo caráter subjetivo que a notícia tem, por exemplo: uma notícia sobre algo inusitado, como um polvo que prevê resultados da Copa do Mundo FIFA, gera engajamento para quem é adepto do esporte, porém, também produz indiferença para aqueles que não são admiradores do futebol ou que, por outro motivo, acham o fato irrelevante. Pena (2005), agora discorrendo sobre o velho estigma de que o jornalista fala sobre tudo, cita que:

Um velho clichê sobre a profissão diz que o jornalista é um especialista em generalidades. A intenção desse aparente paradoxo é afirmar a necessidade de habilidades e conhecimentos ecléticos para a prática profissional. E como um jornal fala dos mais variados assuntos, o clichê é muito pouco contestado (PENA, 2005, p. 65).

1.1 Gêneros em jornalismo

A popularização dos gêneros é quase que uma resposta em oposição ao senso comum do jornalismo de caráter puramente generalista. Sendo a primeira forma conhecida de divisão dentro do jornalismo. José Marques de Melo (2016) é um dos principais nomes da Teoria do Jornalismo, no que tange a questão dos gêneros. Sobre a definição da expressão “gênero em jornalismo”, no artigo *Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório*, Melo e Assis (2016), conceituam a palavra gênero, com uma definição que remete a agrupamento, pois existem elementos que são coligados por ele e que podem ser considerados como formas de expressão, que traduzem a vida social por meio dos variados materiais jornalísticos.

Percebe-se que, para Melo e Assis (2016), os gêneros jornalísticos representam uma métrica que delimita a forma de se fazer jornalismo. Desse modo, é possível transmitir melhor a informação aos consumidores da notícia, pois, sendo os assuntos pautados por profissionais generalistas ou especializados, eles precisam seguir um certo padrão para cada gênero ou formato. Dessa forma, o público que consome o produto identifica de antemão as características que tornam as notícias de cada gênero semelhantes entre si e com a intenção de informar acerca

dessa unidade temática. Para Costa (2013), existem cinco gêneros jornalísticos: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário. Para a análise realizada, iremos nos aprofundar em dois gêneros específicos: o informativo e o opinativo.

O gênero informativo é considerado a base do jornalismo, já que está ligado aos acontecimentos de caráter factual. Nas palavras de Tresca (2013) “a despeito de todo o debate em torno do mito da objetividade, o gênero informativo persiste historicamente e linguisticamente” (p. 85). E prova disso é encontrar o jornalismo informativo nas plataformas digitais existentes atualmente, inclusive nas quais os *podcasts* fazem parte. Já o gênero opinativo possui um caráter pessoal, que se relaciona mais com o enfoque da visão do jornalista em relação aos fatos do que a leitura do acontecimento feita no gênero anterior. Isso ocorre porque além do profissional ler o ocorrido com o seu olhar, repassando-o ao leitor de forma subjetiva, sendo assim, no jornalismo opinativo, o olhar do jornalista se torna objetivo e, por consequência, visível ao público. Além disso, esse gênero possibilita a existência de um leque muito maior de núcleos noticiosos.

Cada gênero possui, de acordo com as peculiaridades, seus formatos específicos em diferentes mídias. Para fins deste artigo, apresentaremos os formatos dos gêneros radiofônicos, sendo eles: nota: informe sintético de um fato atual, nem sempre inconcluso; notícia: módulo básico da informação; boletim: pequeno programa informativo, com, no máximo, 5 minutos de duração, é distribuído ao longo da programação, sendo constituído por notas e notícias e, às vezes, por pequenas entrevistas e reportagens; reportagem: amplia o caráter minimalista do jornalismo e oportuniza aos ouvintes uma noção ampla e aprofundada a respeito do fato narrado; entrevista: uma das principais fontes de coleta de informação, está presente direta ou indiretamente, na maioria das matérias jornalísticas; comentário: cria ritmo e amplia o cenário sonoro do receptor, visto que propicia a presença de diferentes vozes na programação; editorial: é o anúncio de opinião não-personalizada e retrata o ponto de vista da instituição radiofônica; crônica: tem relação direta com a atualidade e ligação com uma circunstância favorável, tem como característica principal a transitoriedade entre a fronteira do jornalismo e da literatura; radiojornal: congrega e produz outros formatos jornalísticos, como notas, notícias, reportagens, comentários e crônicas; documentário jornalístico: mesas-redondas ou debates: são espaços de discussão coletiva em que os participantes apresentam ideias diferenciadas entre si; programa policial: tem como objetivo cobrir os acontecimentos e fatos policiais, por meio de reportagens, entrevistas, comentários e notícias; programa esportivo: é a divulgação, a cobertura e a análise dos eventos esportivo veiculados nos formatos de notícias, comentários, reportagens, entrevistas, mesas-redondas; e divulgações técnico-científicas, tem a função de divulgar e,

consequentemente, informar a sociedade sobre o mundo da ciência, com roteiros apropriados e linguagem que seja acessível à maioria da população (BARBOSA FILHO, 2003).

1.2 O que é notícia

O jornalismo convencional tem características pré-definidas acerca do que é ou não um fato noticioso, sendo essas definidas na teoria do jornalismo pela nomenclatura: critérios de notícia. Em uma definição breve, são essas as características que um fato necessita para poder ser classificado como notícia. Afinal, se tudo o que acontece no planeta fosse noticiado, faltaria estrutura tecnológica, temporal e profissional para cobrir todos esses eventos, sendo necessária uma filtragem, que é feita com a utilização desses parâmetros de seleção. Sobre o assunto, Traquina (2005) afirma:

A primeira tentativa de identificar, de forma sistemática e exaustiva, os valores notícia que a comunidade interpretativa dos jornalistas utiliza em seu trabalho, ou, na linguagem dos autores, os fatores que influenciam o fluxo de notícias, foi o estudo de Galtung e Ruge (1965/1993). Em resposta à pergunta 'como é que os acontecimentos se tornam notícias' [...] (TRAQUINA, 2005, p. 69).

Pena (2005) também tece considerações sobre o que é um fato noticioso ou não: “Na rotina produtiva diária das redações de todo mundo, há um excesso de fatos que chegam ao conhecimento dos jornalistas. Mas apenas uma pequena parte deles é publicada ou veiculada. Ou seja, apenas uma pequena parte vira notícia” (PENA, 2005, p. 71).

Esses valores-notícia, são importantes para o jornalismo ao agruparem de forma sistemática e ordenada as áreas de atuação do jornalista. Auxiliando na consolidação de um referencial que ajuda na prática diária da profissão e também na compreensão do jornalismo como estudo acadêmico. Afinal, somente é possível estudar o jornalismo e seus inúmeros campos de atuação, com o amparo das divisões de gêneros e formatos. Traquina (2005) reforça, ainda, os doze valores-notícia elencados por Galtung e Ruge, sendo eles:

1- Frequência, que se relaciona com a duração do acontecimento; 2 - A amplitude do evento; 3- A clareza ou falta de ambiguidade; 4 - A significância; 5 - A consonância, isto é a facilidade de inserir o “novo” numa “velha” ideia que corresponda ao que se espera que aconteça; 6- O inesperado; 7 - A continuidade, isto é, a continuação como notícia do que já ganhou noticiabilidade; 8 - A composição, que é a necessidade de manter equilíbrio nas notícias com diversidade nos assuntos abordados; 9 - A referência a nações de elite; 10 - Referência a pessoas de elite e se sobrepõem ao acontecimento; 11 - A personalização ou referência às pessoas envolvidas no ato; 12 - O caráter negativo do fato (GALTUNG; RUGE, 1965-1993 apud TRAQUINA, 2005, p.69).

Esses critérios auxiliam na definição do que é ou não é notícia, e se essa pertence ao gênero factual ou documental. Dessa forma, o foco da informação se torna mais direcionado e organizado. Tanto que, essa divisão pode ser vista nos objetos analisados dentro desse artigo, cuja veiculação apresenta formatos já conhecidos de jornalismo, transvestidos com a linguagem dinâmica comum do meio digital. Fato que está diretamente ligado ao paralelo empresa/jornalista/formato digital, onde profissionais já atuantes no rádio e na televisão tradicionais, passam a interagir com esse ecossistema de informação totalmente novo.

2 Formato *Podcast*

O formato *podcast* é um braço digital do radiojornalismo, por isso, para compreendê-lo, é necessário retroceder até a bibliografia do rádio. Após esse tópico, será possível observar as novas definições de mídia sonora que estão intimamente ligadas aos formatos de áudio digital. Segundo Javorski (2017, p. 226) “a relação entre rádio e internet se dá desde a década de 1990, quando a internet chegou ao Brasil”. No entanto, segundo a autora, no início, o uso da internet era apenas de caráter informativo e complementar. Foi somente nos anos 2000, que o rádio passou a ser integrado à internet: “Mais tarde, no início dos anos 2000, elas [emissoras de rádio] descobriram que poderiam utilizar a internet para expandir suas fronteiras com uma boa qualidade de som” (JAVORSKI, 2017, p. 226).

Esse foi o marco zero do rádio digital no Brasil e que ganhou notoriedade paralela ao crescimento da internet nos lares brasileiros. Com o tempo, quase todas as grandes emissoras de rádio tradicionais foram desenvolvendo e fomentando sites que disponibilizavam o sinal das rádios analógicas em *streaming* digital, sem custos adicionais para o ouvinte. Ainda, começaram a surgir pequenas rádios que aproveitavam a ausência de necessidade de uma concessão, para empreenderem livremente pela internet. De fato, essa é a grande vantagem comercial desse tipo de produto, é preciso um pequeno investimento para adentrar ao rádio digital, afinal, ele é livre de concessão e ilimitado no aspecto de audiência. Além disso, o rádio digital permite uma interação em várias plataformas online e em redes sociais, cujo fenômeno se denomina convergência. Para Jenkins (2013), a definição de convergência é bem clara:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais

e sociais, dependendo de quem está falando é do que imaginam estar falando (JENKINS, 2013, p. 29).

Esse fluxo de conteúdo pode abrigar uma série de possibilidades, inclusive o formato de mídia *podcast*. Essa mídia consiste em um formato de rádio digital em *streaming*, no entanto, a própria denominação do produto o define. “A palavra *podcast* é uma junção de ‘Pod’, de iPod6, cuja sigla significa Personal on Demand, ou ‘pessoal sob demanda’ e *cast*, que vem de *broadcast*, ou ‘transmissão’” (FALCÃO; TEMER, 2019, p. 2).

O *podcast* de fato é uma produção específica e personalizada, características que oferecem margem para que os produtos sejam maleáveis e direcionados para conteúdos e públicos diversos, aumentando o dinamismo das produções. Além disso, o local onde os ouvintes estão, também é dinâmico. Isso é compreendido ao constatarmos que: “Pesquisa feita entre julho e agosto de 2018 pela Associação Brasileira de Podcasters em parceria com a Rádio CBN revela que apenas 4,3% das pessoas que ouvem podcasts não realizam outras atividades simultâneas” (FALCÃO; TEMER, 2019, p. 3-4).

Isso ocorre pois, *podcasts* são publicações de áudio que se fazem presentes em qualquer meio digital, dessa forma, podem ser consumidos em qualquer lugar. Fatos que somados à linguagem mais livre, tornam os *podcasts* uma ferramenta bastante versátil e democrática, tornando a informação dinâmica e leve. Segundo o site Affde (2021), existem oito formatos de *podcasts*: Entrevista *podcasts*, que se ramifica em duas variações, sendo elas, entrevistas com especialistas: em *podcasts* como o *Masters of Scale*, de Reid Hoffman, o entrevistador se concentra em um tópico específico no qual o entrevistado é considerado um líder inovador. Por exemplo, um convidado como Bill Gates pode compartilhar histórias sobre suas experiências como empresário de tecnologia. Muitos membros do público ouvem esse tipo de *podcast* para aprender mais sobre um determinado setor ou obter *insights* que os ajudarão em suas próprias carreiras; e entrevistas de entretenimento: *podcasts* de entretenimento convidam os visitantes a compartilhar histórias interessantes sobre suas vidas. Esses programas costumam ser apresentados por comediantes ou jornalistas de entretenimento. Por exemplo, a participação da *showrunner* Noelle Stevenson no *podcast Queery*, da comediante Carmen Esposito, para discutir suas experiências na indústria do entretenimento; *podcasts* de conversação; *podcasts* de monólogo; *podcasts* narrativos/investigativos; *podcasts* de mesa-redonda; *podcasts* teatrais; *podcasts* de conteúdo reaproveitado; e *podcasts* híbridos.

Dessa forma, criar e executar um projeto de *podcast* necessita estar de acordo com os rumos tecnológicos e interativos existentes no momento e, ainda, fazer observações e análises

acerca da linguagem empregada pelos objetos, afinal, espera-se que uma apresentação noticiosa seja mais formal e apurada do que aquela que visa o entretenimento.

Torna-se importante destacar, ainda, que um *podcast* possui três fases: produção, gravação e recepção, sendo a última, geralmente, ancorada pelas redes sociais.

2.1 *Podcast* jornalístico

Para serem veiculados em plataformas de *podcast* da imprensa, os conteúdos precisam passar por uma seleção, ela consiste em decidir se os temas que vão ao ar são ou não jornalísticos, e se respeitam os critérios de noticiabilidade descritos pelo pesquisador Mauro Wolf (2003):

A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas –, para adquirir a existência pública de notícia (WOLF, 2003, p. 195).

No entanto, se percebe uma identidade própria em relação ao jornalismo feito em *podcasts*, contrastando com o modelo tradicional. Ferraz e Gambaro (2020) exprimem a seguinte ideia acerca do *podcast* jornalístico:

Podcast jornalístico é uma expressão na qual cabem várias formas de fazer jornalístico com origens radiofônicas. Assim, temos *podcasts* ao modelo de conversa radiofônica entre dois apresentadores, que entrevistam pessoas e promovem debates (Mamilos); *podcast* ao modelo de narração monologada sobre fatos históricos (Escriba Café); e *podcasts* ou SRS de reportagens documentais jornalísticas para o mundo latino-americano, com sonorizações sofisticadas, faladas em espanhol (Rádio Ambulante), entre muitos outros modelos (FERRAZ; GAMBARO, 2020, p. 166).

3 Análise

O presente estudo tem como objetivo principal fazer uma análise de conteúdo, para isso, coloca-se em paralelo duas formas de *podcasts* que, embora compartilhem a mesma finalidade informativa, divergem nas abordagens jornalísticas. Com a análise de conteúdo baseada na teoria da autora Heloiza Herscovitz (2010), pretende-se identificar os critérios jornalísticos que fazem cada um dos *podcasts* detentores de conteúdo jornalístico. A autora define esse método da seguinte maneira:

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERSCOVITZ, 2010, p. 126).

Optou-se por utilizar essa metodologia nessa pesquisa, justamente pelo potencial que ela possui para identificar aspectos qualitativos e quantitativos presentes nos dois *podcasts* a serem analisados. Os objetos escolhidos são dois dos principais *podcasts* noticiosos que circulam na internet brasileira. O fato de utilizarem profissionais advindos de outras plataformas e grupos de comunicação tradicionais, já demonstra um interesse genuíno pelo mercado de notícias digital.

O primeiro *podcast* utilizado para análise no artigo é chamado O É da Coisa, produzido pela Rádio Band News FM e apresentado por Reinaldo Azevedo, Bob Furuya e Alexandre Bentivoglio. O programa é disponibilizado diariamente às 18 horas e possui ênfase nos acontecimentos mais importantes do dia. O apresentador, Reinaldo Azevedo, formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e com passagens como colunista da Revista Veja e no Portal Uol, comanda o *podcast* de forma bastante centralizada, onde seus comentários são o principal agente de conteúdo presente no programa. Conta com um estilo crítico e bastante ácido presente nas suas ponderações, evidenciando o aspecto opinativo da publicação, constituindo o fator principal na escolha deste objeto como contraponto ao *podcast* informativo.

O segundo *podcast* analisado chama-se O Assunto, ele é distribuído pelo G1 e apresentado pela jornalista Renata Lo Prete. Formada em Jornalismo em 1985 pela Escola de Comunicação e Artes da USP (Universidade de São Paulo), antes do *podcast*, fez carreira nos jornais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e Folha Ilustrada. Nesse último, se tornou *ombudsman* por três anos e foi também editora da importante coluna Painel. Renata deixou o jornalismo impresso em 2012 e foi para a televisão, se integrando ao canal de notícias Globo News. O *podcast* *O Assunto* é de gênero predominantemente informativo e parte de uma linha jornalística, discutindo e comentando fatos que acontecem no mundo em tempo real. Além disso, a jornalista recebe várias personalidades diretamente ligadas aos fatos que ocorrem dentro da sociedade civil e pública brasileira. Excepcionalmente, podem ser levantadas pautas internacionais, mas que possuem interesse ao ouvinte do Brasil.

O recorte das edições será aleatório, utilizando dois episódios publicados no dia 04 de abril de 2022. Como são *podcasts* jornalísticos, a maioria dos assuntos do dia convergiram, o que ajudará na diferenciação das abordagens jornalísticas anteriormente mencionadas. A

análise de conteúdo será baseada em quatro categorias: gênero, valores-notícia, formato radiofônico e formato *podcast*.

3.1 O É da Coisa

O episódio a ser analisado do O É da Coisa³ (71') é de 04 de abril de 2022, e está presente na plataforma *Spotify*, ele possui a seguinte descrição em texto:

O PSOL protocolou uma representação no Conselho de Ética da Câmara contra o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP). O partido pede a cassação do mandato após o filho 03 do presidente ter ironizado a tortura sofrida pela jornalista Miriam Leitão durante a ditadura militar. O PC do B também vai entrar com uma representação contra Eduardo. Neste domingo (03), a colunista do jornal O Globo compartilhou nas redes sociais um texto escrito por ela em que aponta ser um erro da terceira via tratar Lula e Bolsonaro como iguais. Eduardo Bolsonaro, então, compartilhou a publicação da jornalista e escreveu: 'Ainda com pena da cobra [ele colocou um emoji de cobra]'. Isso faz referência a uma tortura sofrida por ela. Durante a ditadura militar, Miriam Leitão, grávida, foi presa e torturada várias vezes. Em uma dessas torturas, ela foi colocada nua em uma sala escura com uma cobra. Esse e outros assuntos você acompanha nesta edição de O É da Coisa, com a análise de Reinaldo Azevedo (O É DA COISA DE 04/04/2022, 2022).

A edição inicia-se com a vinheta padrão da rádio Band News FM, em seguida, uma locução anuncia o *host*⁴ principal e os demais membros da mesa, Alexandre Bentivoglio e Bob Furuya, jornalistas fixos do programa. Na sequência, o *host*, Reinaldo Azevedo, dá as boas-vindas e fala uma frase de efeito que é relacionada ao conteúdo do programa: “Começa agora para todo Brasil! Mais uma edição de O É da Coisa. E... as coisas estão um pouco atrapalhadas, um pouco confusas. Vem pra cá que a gente desatrapalha” (informação verbal).

Após essa frase, Reinaldo Azevedo saúda os outros jornalistas da bancada, desejando um bom dia para cada um deles. Isso se deve ao fato de o programa não ser um *podcast* tradicional. O É da Coisa tem como veículo principal o rádio e, também, o canal da radio Band News FM no *Youtube*, onde sua exibição é transmitida ao vivo. Posteriormente, o conteúdo é disponibilizado no *Spotify* e na *Deezer*.

O tom humorístico do programa é evidenciado por piadas feitas por Reinaldo, inclusive, mencionando a vitória esportiva do Palmeiras contra o São Paulo e, logo em seguida, ouve-se

³ O É da Coisa:

https://open.spotify.com/episode/7AgBcC2vAgt0XyyhLHISZB?si=OQFHddhJQ8eg1zjMD_Scew.

⁴ *Host*, vem de hospedeiro, anfitrião. Na linguagem digital, é como se denomina o apresentador principal do *podcast*.

o hino do vencedor, Palmeiras, com Reinaldo e Bob Furuya comemorando, já que ambos são torcedores do clube. Depois disso, toca-se o hino do São Paulo.

O *host*, então, inicia expressando uma opinião acerca do tema proposto: representação de membros da câmara, contra o deputado Eduardo Bolsonaro, motivada pelas declarações do parlamentar ironizando a tortura sofrida pela jornalista Miriam Leitão durante a Ditadura Militar. Sobre o tema, Reinaldo Azevedo afirma:

Agora, o que o Eduardo Bolsonaro fez envolvendo a Miriam Leitão é crime. É quebra de decoro parlamentar, e qualquer pessoa que se vá se mobilizar, por que há esforços para levá-lo ao conselho de ética. E qualquer pessoa que se mobilizar pra impedir isso e pra criar obstáculos para sua cassação, são coniventes com apologia da tortura (informação verbal).

Durante a fala do *host*, o programa é interrompido uma vez com uma vírgula sonora⁵, anunciando a fala do comunicador como Momento Cultural: “O Zé Celso tá fazendo uma peça agora em cartaz... O Dexter do Zé Celso diz, o Godot não morreu” (informação verbal).

Neste episódio, foram tratados os seguintes temas: o caso envolvendo a jornalista Miriam Leitão, cuja opinião do *host* foi exposta no início desse tópico; o comentário acerca do artigo que aponta sobre o chamado “erro da terceira via”, que motivou o ataque sofrido pela jornalista, e a tentativa da criação de uma união dos partidos de centro em uma candidatura à presidência. Esse último assunto foi introduzido com uma nota, lida por Bob Furuya:

Presidentes do PSDB, MDB e União Brasil marcaram pra essa quarta-feira, depois de amanhã, uma nova reunião pra discutir a tal candidatura única. Bruno Araújo, Baleia Rossi e Luciano Bivar já vêm negociando desde fevereiro, mas esse, da próxima quarta, será o primeiro encontro presencial entre os três, devem debater os critérios, quais critérios adotarão no processo de escolha desse nome, o plano dos dirigentes é chegar a um acordo até o mês de junho. Lembrando que uma ala forte dentro do União Brasil, por exemplo, a ACM Neto, já deixou claro que Sérgio Moro não deve ser candidato à presidência da república, segundo eles, o projeto de Moro seria no Estado de São Paulo (informação verbal).

Esta nota segue um padrão do programa, em que os jornalistas fixos trazem informações contextualizando ou atualizando assuntos que depois serão comentados por Reinaldo. As notas seguem o formato de *lead*, com linguagem direta e aspecto factual, como é possível notar na pauta lida por Alexandre Bentivoglio, sobre o PT e a regulamentação dos transportes por aplicativo:

⁵ Sons ambientes ou músicas que pontuam a narrativa, criam respiros no episódio, dividem blocos e anunciam quadros. A vírgula é constituída de fragmentos melódicos da trilha tema combinados com efeitos sonoros.

O PT deu início a estudos pra incluir esses profissionais no regime de previdência, o principal exemplo estudado é o da Espanha, que no ano passado aprovou uma lei pra que trabalhadores por aplicativo passassem a ser reconhecidos como funcionários assalariados. A vice premiê do governo da Espanha Iolanda Diaz, que é Ministra do Trabalho esteve no Brasil recentemente na última semana, tratou justamente desse tema com Lula e outros líderes do PT, a legenda calcula e os números apontam que hoje o Brasil tem mais de um milhão e meio de pessoas trabalhando como motoristas ou entregadores por esses aplicativos (informação verbal).

Após a leitura das notas, Reinaldo Azevedo tece comentários acerca do conteúdo presente nelas, como o relacionado ao assunto da nota acima:

É... Como está não vai ficar...Conviria que os próprios aplicativos pensassem uma maneira. Como está não vai ficar, porque é o seguinte... Eu já disse isso várias vezes e direi outra vez: uma coisa é você ter aplicativos que servem como renda complementar, outra coisa é quando o aplicativo vira a renda do trabalhador e vira o emprego. E aí, de fato, existe um fator que se chama precarização de mão de obra [...] (informação verbal).

Após o comercial, o assunto abordado pelo *podcast* foi o chamado “Bolsolão”, cuja nota, feita por Bob Furuya, está transcrita a seguir:

É... Ano passado, o jornal Estado de São Paulo revelou a existência do orçamento secreto dentro do Governo Bolsonaro... Né... O apelidado de Bolsolão. Parlamentares próximos ao presidente decidiam como usar dinheiro público por meio das chamadas, Emendas do Relator Geral, dinheiro sempre vinha do Ministério do Desenvolvimento Regional, dinheiro pra compra dos tratores... Tanto que no começo foi chamado de ‘tratoração’ (informação verbal).

Bob complementa dizendo ainda que outro jornal, o qual sabemos ser O Globo, revelou um esquema semelhante no Ministério da Defesa. Nesse momento, Reinaldo Azevedo exclama: “Nossa! Que feio! Oii... Ouu...”, gerando comicidade à nota lida pelo colega. O *host* comenta acerca desse assunto, tendo como motivação o fato de a pasta ser ligada ao futuro candidato à vice-presidente na chapa de Jair Bolsonaro, na eleição de 2022, o General Braga Netto: “Que coisa, né, o Ministério da Defesa... Envolvido com isso, sendo o então Ministro da Defesa, agora, candidato à vice na chapa de Bolsonaro” (informação verbal).

Após mais um intervalo, Reinaldo inicia com a seguinte frase “Caso venha o golpe, Wolly Beny [referindo-se a Alexandre Bentivoglio], também isso aqui... Vamos tentar impedir... Que seja noticiado...”, criando comicidade a uma nota lida por Alexandre Bentivoglio, relatando um pedido de suspensão de um pregão eletrônico para a compra de ônibus escolares com sobre preço.

O episódio encerra com um trecho da música *War Pigs*, da banda Black Sabbath, cuja tradução é Porcos de Guerra.

3.2 O Assunto

O episódio analisado do O Assunto⁶, datado também do dia 04 de abril de 2022 e acessado na plataforma *Spotify*, possui a seguinte descrição:

O TSE vem intensificando, nas redes sociais, o esforço para estimular jovens de 16 e 17 anos a tirar o título de eleitor e comparecer às urnas em outubro - o que para eles é facultativo. Mas o resultado ainda está muito aquém do desejável, e o prazo se encerra em 4 de maio. Mesmo com artistas e influenciadores participando da mobilização, o levantamento mais recente do tribunal mostra que, em fevereiro, apenas 13,68% dos 6,1 milhões de brasileiros nessa faixa etária possuíam o documento. A ativista Helena Branco, 19, uma das criadoras da campanha *#SeuVotoImporta*, conta a Renata Lo Prete o que escuta de potenciais eleitores e quais argumentos podem convencê-los a participar do processo eleitoral. ‘O que nos move é o poder dos nossos milhões de votos, não a cobrança impositiva de que a gente carregue o peso dos rumos do país’, resume. Ainda neste episódio, o consultor Maurício Moura, fundador do instituto de pesquisas Ideia, elenca fatores que influenciam o voto jovem e a disposição de se envolver na política” (O ASSUNTO, 2022).

O episódio inicia trazendo uma enquete⁷ com jovens falando sobre a importância do voto para o futuro do Brasil e da necessidade de tirarem o título de eleitor:

É... Nosso futuro que tá em jogo, entende... Eu acho que a nossa é muito importante pra... Dar um rumo a nosso Brasil, né... Um voto a mais faz muita diferença, sim. O jovem, ele influencia muito a sociedade, e o título de eleitor é uma maneira do jovem se impor na política. Eu não tinha noção do quanto era importante ter o título eleitoral, hoje eu já tenho uma opinião política formada... (informação verbal).

Após, há uma introdução ao tema pela *host*, Renata Lo Prete: “Da redação do G1, eu sou Renata Lo Prete, e o assunto hoje é o voto dos mais jovens, o que pensam os potenciais eleitores de 16 e 17 anos e o que pode ser feito pra convencê-los da relevância de participar do momento central do processo político [...]” (informação verbal). Durante a entrada, ainda utilizam-se áudios com trechos de reportagens de veículos do Grupo Globo que tratam do assunto. Como, por exemplo, aos 30 segundos do programa: “De acordo com o IBGE, o Brasil tem 6 milhões de 100 mil jovens com 16 e 17 anos, ou seja, aptos a votar. Mas no último levantamento do TSE, em fevereiro, só tem 834 mil títulos registrados de eleitores dessa idade, o que dá apenas 13,68% do público-alvo” (informação verbal). Também são utilizados áudios de artistas e apresentadores, como Luciano Huck: “E eu queria aproveitar que vocês tão aqui

⁶ O Assunto: <https://open.spotify.com/episode/6YHF7RMfVLvhol1dYM5PGn?si=Rc7NpKtyT9aPm-2z-IIN7Q&context=spotify%3Ashow%3A4gkKyFdZzkv1eDnlTVrguk>

⁷ Conjunto de depoimentos ou de pesquisas com o intuito de esclarecer uma questão, geralmente organizado por uma autoridade, por um jornal, por uma empresa privada ou por uma organização pública; pesquisa de opinião.

reunidos...e GKay, que cê tá aqui. Essa semana a GKay que eu me lembro, a Anitta, a Luisa Sonza, Juliette... muita gente se manifestou[...]" (informação verbal).

Essa introdução com trechos de reportagens e outros áudios, segue até os 2 minutos e 2 segundos do programa. Logo após, é feita uma entrevista com a ativista Helena Branco, cuja idade (19 anos), é evidenciada, já que se conecta diretamente ao tema proposto. A pergunta inicial feita pela *host*, foi: “Helena, você pode começar nos contando como há mais ou menos dois anos você se interessou pela causa do voto jovem e abraçou uma campanha?” (informação verbal). A entrevista completa durou, aproximadamente, 11 minutos e 86 segundos e contou com cinco perguntas feitas por Renata.

A edição do *podcast* também teve como entrevistado, o consultor de pesquisas em políticas públicas e economia, Maurício Moura. Essa entrevista durou em torno de 10 minutos e sete segundos. O número de perguntas feitas pela *host* a Marcelo, totalizou sete. Nessa conversa, ele elenca fatores que motivam os jovens a votarem e se envolver com política. Questões como desemprego, subemprego e crises econômicas, impulsionam o voto jovem, independente do país em questão. Essa, inclusive, é uma das questões feitas pela *host* ao convidado:

Maurício, antes da campanha do TSE e da mobilização de vários artistas, figuras públicas e tal, o Tribunal registrava o número mais baixo de cadastramento de eleitores de 16 e 17 anos, para os quais, você sabe, o voto é facultativo. Eu quero começar te ouvindo sobre o que desincentiva a participação eleitoral dos jovens. O que as pesquisas dizem sobre isso? (informação verbal).

A *host* encerra o assunto, frisando o motivo que tornava o assunto da regularização eleitoral, algo de caráter factual: a proximidade do término do prazo para se efetuar os ajustes:

Antes de concluir, eu lembro que o prazo pra tirar ou regularizar o título de eleitor, vai até 4 de maio pode ser feito tudo online. Pra tirar o documento pela primeira vez é necessário entrar no portal do TSE e ir ao sistema título net, nele, o futuro eleitor deve informar o estado em que mora e anexar os seguintes documentos digitalizados: uma foto tipo selfie segurando um documento de identificação, um comprovante de residência atualizado e um certificado de quitação de serviço militar para homens de 18 anos. Quem ainda não tem, mas vai completar 16 anos antes do primeiro turno, que é em 2 de outubro, também pode pedir o título de eleitor (informação verbal).

Após o trecho citado acima, Renata Lo Prete faz o encerramento habitual do programa e anuncia ao público em quais plataformas os episódios são veiculados:

Este foi o assunto *podcast* diário disponível no g1, no Globoplay ou na sua plataforma de áudio preferida, vale a pena seguir o *podcast* na Amazon ou no Spotify, assinar no Apple Podcasts, se inscrever no Google Podcasts ou no Cast Box e favoritar na

Deezer, assim você recebe uma notificação sempre que tiver novo episódio. Eu sou Renata Lo Prete e fico por aqui, até o próximo assunto (informação verbal).

3.3 Análise dos episódios

Com base nas categorias mencionadas anteriormente, se inicia a análise dos dois episódios. A primeira categoria a ser abordada é a dos gêneros e, logo após, a dos formatos, que se deriva dos gêneros. Acerca dos gêneros, é necessário retomar a definição de Melo e Assis(2016), que descrevem gênero como uma forma de agrupamento de elementos que possuem ligação mutua entre si e que derivam nos formatos jornalísticos. Para a compreensão dos formatos, os autores ainda trazem a seguinte definição:

Formato jornalístico, em decorrência, é o feito de construção da informação transmitida pela Mídia, por meio do qual a mensagem da atualidade preenche funções sociais legitimadas pela conjuntura histórica em cada sociedade nacional. Essa construção se dá em comum acordo com as normatizações que estabelecem parâmetros estruturais para cada forma, os quais incluem aspectos textuais e, também, procedimentos e particularidades relacionados ao modus operandi de cada unidade (MELO; ASSIS, 2016, p. 50).

O primeiro objeto a ser analisado, trata-se do *podcast* O É da Coisa, que se destaca pela predominância do gênero opinativo dentro de seu conteúdo jornalístico. Isso se evidencia pelas opiniões simultâneas do *host* relacionadas com as notas lidas, ora por Bob Furuya, ora por Alexandre Bentivoglio. O seguinte trecho, extraído aos 9 minutos e quatro segundos do programa, é um exemplo da linguagem opinativa utilizada por Reinaldo Azevedo:

Agora, o que o Eduardo Bolsonaro fez envolvendo a Miriam Leitão é crime. É quebra de decoro parlamentar, e qualquer pessoa que se vá se mobilizar, por que há esforços para levá-lo ao conselho de ética. E qualquer pessoa que se mobilizar pra impedir isso e pra criar obstáculos para sua cassação, são coniventes com apologia da tortura (informação verbal).

Sobre a classificação desse trecho, trata-se de um comentário, que, na definição de Melo (2009), faz parte dos formatos do gênero opinativo. É possível perceber isso, pois o *host* exprime uma ideia de caráter puramente pessoal. O teor do comentário é bastante semelhante com outros já feitos pelo jornalista, não requerendo uma amostragem com variedade de recortes. O método utilizado é o da autora Heloiza Hercovitz (2010):

Numa amostragem aleatória simples, quando temos acesso a todos os elementos que farão parte da amostra (por exemplo, todas as colunas políticas dos quatro grandes jornais diários do Brasil durante o período de um ano), pode-se utilizar a técnica mais

primária: jogar cara ou coroa com uma moeda, o que dá exatamente a cada texto a mesma probabilidade de seleção: 50% (HERSCOVITZ, 2010, p.129).

A participação dos outros jornalistas se enquadra em outro gênero jornalístico, o informativo. Ainda baseado na teoria de Herscovitz (2010), retoma-se um exemplo de nota emitida pelos jornalistas do *podcast*, lida por Bob Furuya:

É... Ano passado, o jornal Estado de São Paulo revelou a existência do orçamento secreto dentro do Governo Bolsonaro... Né... O apelidado de Bolsolão. Parlamentares próximos ao presidente decidiam como usar dinheiro público por meio das chamadas, Emendas do Relator Geral, dinheiro sempre vinha do Ministério do Desenvolvimento Regional, dinheiro pra compra dos tratores... Tanto que no começo foi chamado de 'tratoração' (informação verbal).

Ainda sobre o tópico gêneros, existe a classificação dos gêneros radiofônicos, e, considerando Barbosa Filho (2003), o objeto se encaixa nos formatos comentário e nota.

Ao passar para a categoria dos valores-notícia, visando analisar os recortes acima citados, é preciso retornar aos conceitos de Galtung e Ruge, que foram elencados por Traquina (2005), dessa forma, encontra-se no material, os seguintes valores-notícia: significância, pois, o programa envolve personagens da política nacional brasileira, portanto, próximos ao ouvinte; referência a pessoas de elite e que se sobrepõem ao acontecimento, como, por exemplo, políticos e atletas; e o caráter negativo do fato, que trata sempre de uma notícia de características não agradáveis aos envolvidos. O recorte, partindo dos 47 minutos e 9 segundos, com o comentário de Reinaldo Azevedo, a seguir, exemplifica esses tópicos:

É... E ele próprio [Adriano] tem uma empresa de consultoria, né, que também lida... Me parece... eu acho ele competéssimo, ele conhece a área. Agora me parece que, fui ler no detalhe... É... Tá enfrinhado demais no setor privado, inclusive dando assessoria a algumas empresas que tem ali, problemas com a Petrobras[...] (informação verbal).

Outro valor-notícia percebido no O É da Coisa é o de amplitude: todos as pautas abordadas possuíam interesse e alcance amplificados, principalmente por se relacionarem ao cenário político nacional.

Na categoria formato *podcast*, o primeiro programa analisado é classificado com base no artigo do site Affde, como Podcast de Conversação, pois, durante todo o programa, o *host*, Reinaldo, costuma interagir com os outros jornalistas da mesa. Um exemplo disso, ocorre no início do programa, a partir do 1 minuto e 13 segundos, quando o *host* comenta: “Deu, né, Bob Furuya”, e é respondido por Bob com: “Foi bom, bonito, né”, em referência à vitória do time de Bob.

O segundo objeto a ser analisado é o episódio do *podcast* O Assunto, cujo foco jornalístico se volta ao gênero informativo. Para a análise deste objeto, se faz necessário retomar a Melo (2009), que divide o gênero informativo nos formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista. É possível, desse modo, identificar no O Assunto, o formato nota, a partir do seguinte exemplo:

Antes de concluir, eu lembro que o prazo pra tirar ou regularizar o título de eleitor, vai até 4 de maio pode ser feito tudo online. Pra tirar o documento pela primeira vez é necessário entrar no portal do TSE e ir ao sistema título net, nele, o futuro eleitor deve informar o estado em que mora e anexar os seguintes documentos digitalizados: uma foto tipo selfie segurando um documento de identificação, um comprovante de residência atualizado e um certificado de quitação de serviço militar para homens de 18 anos. Quem ainda não tem, mas vai completar 16 anos antes do primeiro turno, que é em 2 de outubro, também pode pedir o título de eleitor (informação verbal).

No episódio analisado, ainda temos o formato entrevista, que aparece em dois segmentos do programa, quando a *host* faz perguntas aos convidados Helena Branco e Mauricio Moura.

Analisando os recortes do episódio do *podcast* O Assunto, na categoria valores-notícia é possível identificar: frequência, o assunto é relacionado com o prazo de regularização do título de eleitor no ano de 2022, datado de 04 de maio, exatamente um mês antes da data do episódio; personalização, pois o episódio busca uma identificação com os eleitores, em especial, os jovens, e ao dar voz a pessoas comuns de mesma faixa etária, cria engajamento com o público; clareza, afinal, a *host* expõe as informações de forma bastante clara e sem ambiguidades; e amplitude, pois busca atingir a toda uma parcela de jovens que, segundo o próprio programa, somam mais de seis milhões de brasileiros. Acerca da categoria formato *podcast*, com base no artigo do site Affde, o O Assunto se classifica como entrevista, pois o programa sempre se notabiliza por ter entrevistas com personalidades, conhecidas ou não, que são relevantes quanto à pauta do dia.

Quadro 1 – Resultado quantitativo da análise

Podcast	Gênero	Formato	Valores-Notícia
O É da Coisa	Opinativo	Comentário e Nota	Amplitude Caráter negativo do fato

			Significância Referência a pessoas de elite
O Assunto	Informativo	Entrevista e Nota	Amplitude Clareza Frequência Personalização

Fonte: o autor, 2022.

Considerações Finais

Este artigo buscou analisar os valores-notícia presentes nos *podcasts* O É da Coisa, da Radio Band News FM, e O Assunto, do portal G1, à luz dos conceitos de gênero de Melo (2003) e valores-notícia de Traquina (2005) existentes dentro dos respectivos produtos de conteúdo jornalístico brasileiros. Na análise, foi utilizada como metodologia, a Análise de Conteúdo em Jornalismo, proposta por Herscovitz (2010).

Os dois episódios estudados possuem os valores-notícia necessários para se enquadrarem como conteúdos jornalístico. Sendo assim, por meio dessa análise, foi possível identificá-los como sendo: significância, referência a pessoas de elite e que se sobrepõem ao acontecimento; o caráter negativo do fato; amplitude; frequência, personalização e clareza. Partindo dessa referência, o artigo recortou trechos dos episódios, inserindo-os nas classificações citadas anteriormente.

O estudo se torna relevante pois demonstra que o formato *podcast* pode representar uma importante ferramenta para se fazer jornalismo de qualidade. É preciso salientar que os objetos estudados, mesmo sendo disponíveis em plataformas de *streaming*, possuem diferenças de concepção, sendo o O Assunto um produto *podcast* desde a criação e o O É da Coisa, originalmente um programa de rádio, cuja programação é disponibilizada em plataformas de *streaming*, assim gerando possíveis questionamentos futuros acerca de seu enquadramento ou não, dentro do universo dos *podcasts*. Outro ponto relevante deste artigo, foi desassociar o formato *podcast* das produções de entretenimento ou de cultura, afinal, nas mesmas plataformas de *streaming* onde circulam programas de entretenimento ou de informação sem o devido cuidado em relação ao conteúdo publicado, também existem programas essencialmente jornalísticos, exemplos são O É da Coisa e O Assunto. Os dois programas são modelos de uma

forma de jornalismo que une o ambiente digital aos valores-notícia; que foram importantes no jornalismo analógico. Assim, conclui-se que os *podcasts* que se propõem a fazer jornalismo, realmente o fazem com base nos valores-notícia encontrados na obra de Nelson Traquina (2005). Dessa forma, outros *podcasts* também podem produzir um conteúdo igualmente jornalístico, independentemente de serem oriundos de grandes grupos de comunicação — como os objetos da amostragem —, ou não.

Em relação ao campo de estudos do *podcast* jornalístico, o tema deste artigo ainda é pouco explorado por ser uma tecnologia recente. Nesse sentido, a utilização dos formatos elencados pelo site Affde, foi importante para a classificação dos objetos analisados sob o prisma dos formatos de podcast, que inexistem nas classificações de gênero consolidadas na teoria do jornalismo. No primeiro objeto, a classificação como formato podcast conversação foi bastante identificada nas amostras de gênero opinativo, pois o formato conversação é bastante convergente ao que se delimita sobre gêneros opinativos. Já no segundo objeto, o formato podcast entrevista também se mostrou conveniente com a bibliografia de gêneros, pois o conteúdo encontrado nas perguntas feitas pelo host, se enquadra dentro do formato entrevista encontrado no portal Affde. No entanto, com a popularização da ferramenta, presume-se a criação de um olhar mais relevante para esse conteúdo em meios acadêmicos. Novos programas surgirão e, dessa forma, também haverá o interesse em utilizá-los como objeto de estudo em pesquisas acadêmicas relacionadas ao jornalismo e a comunicação social.

Poder produzir esse trabalho acadêmico representou, para mim, um grande desafio, pois deparei-me com um campo bastante rico em objetos para serem utilizados, ainda mais ao considerar um aporte acadêmico pouco especificado como o ramo de rádio digital. Foi preciso traçar uma breve linha do tempo, perpassando pelas categorias elencadas no artigo, utilizando fontes e conceitos sobre gêneros, rádio expandido e convergência, e chegando aos estudos dos *podcasts*, com Falcão e Temer (2019). Esses autores, somados a Herscovitz (2010) e Traquina (2005), foram as bases que alicerçaram esse artigo. Este empenho resultou no objetivo final da pesquisa: demonstrar por meio de pesquisa bibliográfica e exemplos práticos, como o jornalismo pode ser versátil, inovador e presente no cotidiano veloz dos tempos atuais.

Referências

8 TIPOS de podcasts: o guia completo para marketing de conteúdo de áudio. **Affde**, 2021. Disponível em: <https://www.affde.com/pt/types-of-podcasts.html>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003.

COSTA, Lailton Alves. Gêneros jornalísticos. In: MELO, José Marques; ASSIS, Francisco (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2013. p.43-85.

FALCÃO, Barbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O podcast como gênero jornalístico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42, 2019, Belém. **Anais...**, 2019: Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.

FERRAZ, Nivaldo; GAMBARRO, Daniel. Podcast e radiojornalismo: uma aproximação entre a mídia formal e as novas experiências de produção e escuta. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 9, n. 1, 2020. p. 155-172. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/166393>. Acesso em: 3 abr. 2022.

HERSCOVITZ, Heloiza. Análise de Conteúdo em Jornalismo. In. LAGO, Cláudia;

BENETTI, Márcia. **Metodologia da Pesquisa em Jornalismo**. Coleção Fazer Jornalismo. Editora Vozes. 2010. p.123-142.

JAVORSKI, Eliane. **Radiojornalismo: do analógico ao digital**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2013.

MELO, José Marques. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, José Marques. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MELO, José Marques; ASSIS, Francisco. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM)**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/?lang=pt#>. Acesso em: 24 fev. 2022.

O ASSUNTO. Voto jovem: como e por que incentivar. [locação de]: Renata Lo Prete, [S. l.]: G1, 13 abr. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6YHF7RMfVLvhol1dYM5PGn?si=Rc7NpKtyT9aPm-2z-IIN7Q&context=spotify%3Ashow%3A4gkKyFdZzkv1eDnlTVrguk>. Acesso em: 13 abr. 2022.

O É DA COISA DE 04/04/2022. [locação de]: Reinaldo Azevedo, Alexandre Bentivoglio e Bob Furuya, [S. l.]: Bandnews, 13 abr. 2022. Podcast. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/7AgBcC2vAgt0XyyhLHISZB?si=OQFHddhJQ8eg1zjMD_Scew. Acesso em:

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo vol. II A tribo jornalística- uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRESCA, Laura Conde. Gênero Informativo. In: MELO, José Marques; ASSIS, Francisco, (Coord.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Ed. Universidade Metodista de São Paulo, 2013. p. 85-95.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.